



PRÁTICA EDUCATIVA COOPERATIVA: PROJETO E POSSIBILIDADES

Rosalina de Fatima Valadão Rodrigues Vellozo¹, Elisete Gomes Natário², Renatta de Burgos P. F. Dias Silva³

¹Prefeitura Municipal de Santos; Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental/ Universidade Metropolitana de Santos/ Ensino/rosalinvel@gmail.com

² Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental/ Universidade Metropolitana de Santos/ Ensino/ profelisetenatorio@gmail.com

³Professora de Educação Básica da Prefeitura Municipal de Santos/renatta_burgos@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir uma prática educativa cooperativa sobre o tema refugiados com alunos do ensino fundamental. Apresenta um projeto realizado com estudantes de 3º ano do ensino fundamental da rede pública de Santos- SP. Por meio de ações solidárias aos refugiados foi trabalhada na prática pedagógica, a empatia com os estudantes de modo a contribuir no processo de desenvolvimento de valores sociomoraís - caso do respeito, solidariedade e tolerância.

Palavras-chave: Prática educativa, Cooperação, Valores sociomoraís.

1. Introdução

O processo de reconhecimento do estudante sobre o seu estar na escola e dela fazer parte como um membro ativo em relação à aprendizagem não se dá com atividades mecânicas ou, muito menos, com comandos orais ditados por adultos. Reconhecer-se como sujeito autônomo e participante é um ir e vir da própria consciência ou como explica Freire (1980, p.28), “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para sermos anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos”.

Nesse sentido, alguns projetos no âmbito da sala da aula podem transpor barreiras didáticas e viabilizar a convivência harmoniosa entre estudantes e professores para que haja respeito mútuo e, conseqüentemente a compreensão de que é necessário se colocar no lugar do outro quando as relações interpessoais passam a ser o motivo de conflito, mesmo que, alguns possam pensar que ensinar como o estudante deva portar-se em sala de aula seja papel da família e não da escola. Porém se durante a aula um aluno utiliza palavras para desdenhar outra criança devemos delegar à família que ela o eduque, uma vez que, naquele momento, ele se encontra na escola? Não caberia ao professor propor práticas educativas voltadas as



relações interpessoais? Com base nos estudos de Piaget (1994), e Ausubel (2000) acreditamos que sim.

Diante do exposto, este estudo, apresenta um estudo sobre o projeto “O tear das nossas histórias na construção do mundo”, desenvolvido pela professora Renata Burgos, no município de Santos, região da Baixada santista, com 30 estudantes de 3º ano das séries iniciais e utiliza como fundamentação teórica os estudos piagetianos sobre desenvolvimento da moral pela criança, uma vez que, os princípios básicos de tolerância, respeito e solidariedade foram enfatizados no projeto para atingir seu objetivo geral: “exercitar a empatia nos educandos, por meio de ações solidárias aos refugiados”. Princípios que são valores sociomoraes importantes no processo de construção da autonomia da criança.

2. Desenvolvimento

O projeto “o Tear de nossas histórias na construção do mundo”, surge em 2018 como uma proposta para desenvolver as relações interpessoais em sala de aula e ganha contornos além da sala em 2019, uma vez que ao perceber que os estudantes tinham grande dificuldades para relacionarem-se. Os conflitos pessoais eram rotineiros com permeado por “faço o que quero” (sic). Em uma roda de conversa, realizou-se uma analogia sobre a vinda dos refugiados venezuelanos para o Brasil, de como eles precisavam se adaptar quando chegavam a um país que não era o deles, assim, o tema nasce de uma situação concreta, explorada pela mídia brasileira em referência aos refugiados, pessoas que chegam em um lugar estranho precisam se adaptar as novas regras daquele lugar.

Nas demais atividades, o conceito de empatia foi introduzido como tema dos conteúdos curriculares da disciplina de Língua Portuguesa (leitura e escrita, poesia, leitura em notícias de Jornal e construções de resumo a partir da entrevista) foram incorporados para desenvolver as ações propostas. Na matemática trabalhou-se medida de tempo, e em História e Geografia a construção da árvore genealógica para analisar o percurso dos refugiados e o conceito de cidadania como parte da imigração, emigração, cultura, comunidades locais e globais (BRASIL, 2017). Uso de vídeo e pesquisas na internet sobre a vivencia dos refugiados em diferentes partes do mundo serviram para construir dinâmicas interativas sobre as





relações com o outro quando em um lugar diferente do que estavam acostumados. As dinâmicas serviam para ampliar o olhar e as percepções sobre a vida dos refugiados e deles próprios no contexto da sala de aula e dos diferentes ambientes que percorriam na escola ou em seu grupo social.

Tais dinâmicas resultaram em uma peça de teatro apresentados aos pais. Buscando enfatizar valores de solidariedade e respeito mútuo foi proposto a construção de poesia e mensagens de boas-vindas para serem entregues no centro de refugiados. Com a leitura das reportagens dialogavam sobre as diferenças culturais entre eles. Os combinados de convivência em sala de aula, foram sendo construídos entre eles e cada aluno/ a deu seu depoimento sobre o que sentiam quando ofendido. Decidindo sobre a responsabilidade de cada um nas ações do projeto caminharam participando das oficinas de confecção de bolas e bonecas de pano.

Com ajuda dos pais na confecção dos brinquedos foi possível entregar ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), através do Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), entidades não governamentais responsáveis por [...] defender os direitos humanos básicos de pessoas deslocadas ou apátridas “[...]garantindo que os refugiados não sejam devolvidos involuntariamente para um país onde possam sofrer perseguição[...]” 500 brinquedos produzidos pelos alunos e seus familiares durante o ano de 2019.

Com a “Caminhada pela Paz” finalizou-se o projeto, e embora tenha surgido de uma situação de sala de aula, ganhou contornos não esperados como o envolvimento de toda comunidade. Possibilitando a troca e dando significação ao conceito empatia. Respeito, tolerância e solidariedade deram o Norte para a construção de práticas educativas cooperativas, momento em que os estudantes puderam gerenciar seus conhecimentos prévios e reconstruir suas relações com os colegas, diminuindo os conflitos e possibilitando um caminho para o desenvolvimento do respeito mútuo. Ou seja, oportunizando a construção da autonomia à medida que cooperativamente nas decisões da sala de aula.

2.1 Práticas Educativas Cooperativas





De acordo com Ausubel (2000, p.4), “[...]a capacidade de relação arbitrária e literal para com a estrutura cognitiva torna as tarefas de aprendizagem por memorização altamente vulneráveis à interferência de materiais semelhantes [...]” e, portanto, leva o estudante a não entender as razões para a apreensão daquele objeto, sejam eles os conteúdos didáticos pedagógicos ou valores sociomoral oferecidos pelo professor. Assim, a linha ausubeliana trabalha com a intersecção entre os conhecimentos prévios que o indivíduo possui ou não de determinado objeto e as novas informações que ele adquire quando em articulação com os demais membros do grupo, algo muito presente no projeto relatado.

Nesse sentido, o projeto, exposto acima, está ligado a uma concepção de aprendizagem significativa, pois na elaboração das atividades pedagógicas os estudantes tiveram participação, não foi algo imposto como uma aprendizagem por memorização. Ou seja, os participantes ao pesquisarem, confeccionarem brinquedos para doação, escreverem mensagens de solidariedade e conhecer a própria história de suas famílias conseguiram estabelecer um elo entre suas dificuldades e a dos refugiados e, com isso, assimilaram um conhecimento que não detinham sobre o outro e, esse outro, tanto pode ser os refugiados, quanto seus próprios colegas, ajudando-os nas relações interpessoais.

Piaget (1932/1994, p. 23) relata que: “[...] moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras[...]”. Nesse sentido, no desenrolar das ações que as crianças desenvolveram elas vivenciaram o próprio conceito contido nos princípios básicos (tolerância, respeito e solidariedade), ajudando-as a entender que nas relações interpessoais em sala de aula, era necessário combinados para atuar. Que o seu estar naquele ambiente não podia dar-se como ele gostaria, pois, outras pessoas estavam envolvidas e, por isso, precisava colocar-se no lugar delas. Moreira (2001, p.28) escreve que “[...] Todo esquema de assimilação é construído e toda abordagem à realidade supõe um esquema de assimilação. Quando o organismo (a mente) assimila, incorpora a realidade a seus esquemas de ação impondo-se ao meio [...]”.

Para Piaget (1932/1994) a interação com o meio possibilita as crianças construírem sua moral e, se no início da vida ela atua a partir da anomia (sem regras) são as suas interações que permitirá a ela desenvolver a moral heterônoma ou autônoma, pois tudo depende de como, por exemplo, o valor sociomoral do grupo em que está inserida lhe foi



apresentado, ou seja, se coercitivamente ou por reciprocidade.

Piaget (1932/1994) e Ausubel (2000) traçam assim um paralelo entre os saberes (subsunções, caso do primeiro e esquemas, do segundo) que a criança já possui do seu meio e a forma como ele construirá novas aprendizagens, assim, possibilitar atividades educativas que tenham o estudante como sujeito participativo é uma forma de construir cooperativamente a empatia, uma vez que no diálogo eles podem refletir sobre seu próprio papel em relação ao seu estar em sala de aula, local em que as relações interpessoais são um desafio.

Moreira (2001, p. 26) faz a seguinte reflexão “desta interação que emergem, [...] os significados dos materiais potencialmente significativos [...] suficientemente não arbitrários e relacionáveis de maneira não-arbitrária [...]”. Nesse sentido, as atividades por saírem do discurso professoral, uma exposição filosófica, e tornar-se concreta com a doação dos brinquedos, por exemplo, trouxe para estas crianças uma vivência das diferenças culturais que estão por traz das regras escolares com as quais eles precisam conviver.

Piaget (1932/1994, p.34) relata que: “[..] a regra é considerada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, [...]”, ou seja, a medida que teciam cooperativamente o projeto, dialogando e dando ideias passaram a aceitar uma mudança no seu próprio comportamento em sala de aula (PIAGET, 1932/1994). Nesse sentido, as obras de Ausubel (2000) e Piaget (1932/1994) dialogam na perspectiva de construir práticas educativas cooperativas, sejam elas voltadas para o desenvolvimento de valores sociomoraes ou para aprendizagem de conteúdos didáticos pedagógicos, como as que foram apresentadas no projeto (SANTOS, 2019). Assim, a linha piagetiana aponta para a cooperação da criança no processo de desenvolvimento da moral e, por isso, a tomada de consciência dos eventos externos (refugiados e desenvolvimento da empatia) quando dialogadas entre eles aumentaram as possibilidades de aprender significativamente, de respeitar o outro e suas diferenças culturais (PIAGET, 1932/1994).

3. Considerações Finais

Consideramos que a abordagem não mecânica e um discurso não unilateral da professora quando propõe as atividades tendo como base o diálogo, possibilitou aos alunos/as





a oportunidade de construírem as regras necessárias para dar conta dos fazeres de cada um. Logo, o objetivo geral do projeto, exercitar a empatia nos educandos, por meio de ações solidárias aos refugiados, foi norteado pela possibilidade que a criança de 8 a 9 anos tem de compreender as regras como necessária em um jogo e na convivência. Os valores sociomoraes de solidariedade e da tolerância, se fizerem presentes quando suas ações para os refugiados passaram a ter significados no próprio ambiente escolar e com isso empatia e respeito mútuo por seus pares ganha presença.

Referências

ACNUR: **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados** - Histórico: Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>. Acesso 10 abr. 2020.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução do original *The acquisition and retention of knowledge*, 2000.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SANTOS, Prefeitura Municipal. **Projeto de escola municipal de Santos estimula solidariedade a refugiados**. 2019. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/projeto-de-escola-municipal-de-santosestimula-solidariedade-a-refugiados>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Editora Moraes, 1982.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro, 2001.

PIAGET, J. (1932). **O Juízo Moral na Criança**. SP: Summus, 1994.